

Influência das condições climáticas sobre a viabilidade oocitária de fêmeas Girolando e Pantaneira¹

***André Luiz Leão Fialho², Mirela Brochado de Souza³, Wilian Aparecido Leite da Silva⁴,
Fabiana de Andrade Melo Sterza⁵, Ériklis Nogueira⁶, Henrique Kischel⁷***

A tecnologia da produção de embriões in vitro a partir da aspiração folicular guiada por ultrassonografia (OPU), vem cada vez mais ganhando espaço no mercado, pelo fato de se conseguir maior número descendentes de uma genética superior, uma vez que o animal pode ser submetido ao procedimento a cada 15 dias. A região do alto Pantanal, devido ao seu clima tropical, está constantemente submetido a mudanças bruscas de temperatura e umidade relativa do ar, aumentando assim o interesse em busca de raças mais adaptadas a tal clima. O presente trabalho tem por objetivo a comparação entre animais da raça Girolando e pantaneira, submetidos no mesmo dia a uma sessão de OPU, relacionando a viabilidade oocitária e os embriões produzidos, com valores de Índice de Temperatura e Umidade (ITU). Animais da raça Girolando (n=7) e Pantaneira (n=5) de idade entre 3 a 5 anos, foram submetidos ao procedimento de OPU, em um dia do mês de julho, onde se teve o valor de ITU máximo de 76,67, valor esse que se enquadra em um nível de estresse por calor brando, e o valor de ITU mínimo e médio, foram respectivamente 52 e 67,94, valores esses que se enquadram em um ambiente sem estresse por calor, confirmando assim a variação diária de temperatura já relatada na literatura. As variáveis analisadas foram taxa média de viabilidade oocitária e média de embriões produzidos. Os dados foram submetidos ao teste de Tukey a 5 % de probabilidade. A taxa média de viabilidade oocitária das fêmeas Girolando e Pantaneira foi de 30,18% e 35,32% ($p>0,05$), a média de embriões produzidos por animal foi 0,5 e 0,6 respectivamente para fêmeas das raças Girolando e Pantaneira ($p>0,05$). Conclui-se que sob estresse brando pelo calor, a viabilidade oocitária e a produção de embriões in vitro é similar entre as raças Girolando e Pantaneira.

¹ Parte da dissertação de mestrado do primeiro autor, financiado por CNPq e Fundect.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Caixa Postal 25, 79200-000, Aquidauana, MS (andrefialho4@hotmail.com)

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Caixa Postal 25, 79200-000, Aquidauana, MS (mirela.mbs@gmail.com)

⁴ Acadêmico do Curso de Zootecnia e bolsista, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Caixa Postal 25, 79200-000, Aquidauana, MS (William1909@hotmail.com)

⁵ Professor do Curso de Pós-graduação em Zootecnia da Unidade de Aquidauana, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Caixa Postal 25, 79200-000, Aquidauana, MS (fabiana.sterza@gmail.com)

⁶ Pesquisador na Embrapa Pantanal, Caixa-postal: 109, 79320-900 Corumbá, MS (eriklis.nogueira@embrapa.br)

⁷ Acadêmico do Curso de Zootecnia e bolsista, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Caixa Postal 25, 79200-000, Aquidauana, MS (henrique12K@hotmail.com)